



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades

Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas, ribeirinhos e desigualdades

ENCARCERAMENTO DIGITAL: A CULTURA DO CANCELAMENTO E SUA CONTRIBUIÇÃO NO ADOECIMENTO DA POPULAÇÃO NEGRA.

MATHEUS TRINDADE DE SOUZA ¹

Resumo: O presente trabalho procura analisar a "cultura do cancelamento" a partir de uma visão racializada. Partindo das premissas categóricas da teoria crítica marxista, da decolonialidade e da saúde mental, traçou-se pontos de encontro entre a violência - forma de dominação do capitalismo - e as práticas coloniais de apagamento e linchamento de sujeitos negros. Para entender o impacto dessa cultura na saúde mental da população negra, recorreu-se aos conceitos de cuidado, racialidade, sofrimento mental e aquilombamento. Por fim, adotou-se o termo "(des)cuidado" para delimitar uma política de "enlouquecimento" e agudização do sofrimento mental da população negra, subsidiada pelo Estado.

Palavras-chaves: cultura do cancelamento; violência colonial; saúde mental; racialidade.

Abstract: The present work seeks to analyze the "culture of cancellation" from a racialized view. Starting from the categorical premises of Marxist critical theory, decoloniality and mental health, points of encounter were drawn between violence - a form of domination of capitalism - and colonial practices of erasing and lynching of

¹ Estudante de Graduação. Universidade De Brasília

black subjects. To understand the impact of this culture on the mental health of the black population, the concepts of care, raciality, mental suffering and aquilombamento were used. Finally, the term "(des)cuidado" was adopted to delimit a policy of "crazyness" and sharpening the mental suffering of the black population, subsidized by the State.

Keywords: cancellation culture; colonial violence; mental health; raciality.

1. Introdução

"Ganhei o mundo quando perdi a mim mesmo

Perdi o jovem eu, perdi aquele cara cheio de tesão, bem louco e aventureiro

Quer dizer, continuo maluco, mas só maluco"

Sumi das rede', o pai nunca 'teve tão on

Deitei na rede, olhei pro céu e agradei

Na boca do povo 'cê se acha o bala

Mas foi no olhar da' minhas criança' onde eu me reconheci

É, mais de cem mil nos trend' do Twitter

Na rua ninguém, não vou levar vocês a sério.²

A globalização do século XX, impulsionada pelas táticas midiáticas que compõem o neoliberalismo, corrobora com a sustentação do modo capitalista de produção e com a concepção da imprensa como figura de poder. Assim, as tecnologias produzidas por esse processo vigoram ainda mais a imagem de uma sociedade branco-heteronormativa, que têm os meios de socialização virtual e televisionados como ambiente propício para a propagação de seus ideais hegemônicos.

A manipulação de dados, a criação de um perfil normativo para se adequar a realidade *online* e *softwares* que contribuem para o prosseguimento do engajamento branco e do silenciamento preto constituem um aspecto dominante, que por mais que pareça democrático, contém uma linha de raciocínio que contribui para a estigmatização dos preconceitos diários enfrentados pelas minorias sociais. Apesar disso, as redes sociais tornam-se um palco de grande promoção de lutas e estimulação de pensamentos críticos, e quando se trata especificamente do Movimento Negro, torna-se um local de disseminação de filosofias ancestrais que veem a união do povo preto como a principal ferramenta na luta decolonial. Nesse processo, pode-se citar estudiosos como Frantz Fanon, Lélia Gonzalez, Ângela Davis e Abdias do Nascimento como ideais valorizados entre a juventude negra atual. Isso, devido principalmente a citação desses estudiosos por alguns famosos pensadores e intelectuais negros atuais- Djamilia Ribeiro, Lázaro Ramos, Yuri Marçal, Galo de Briga, Chavoso da USP e Rodrigo França- onde se encontram

²Trecho da canção "Eu" do rapper Djonga.

conteúdos étnicos, históricos e sociais em suas páginas nas redes sociais e em suas entrevistas.

A grande contradição desse fenômeno se encontra na tentativa de reerguer uma cultura espancada, genocidada e aniquilada por mais de quinhentos anos em um ambiente virtual, em que os princípios negros do afeto, do cuidado e da passagem de conhecimentos são manipulados por algoritmos que são concepções de um povo branco, que tem como objetivo silenciar e se mantér em sua posição de privilégio.

Como cita Abimbola (1979), “A história da cultura afro-brasileira é principalmente a história de seu silêncio, das circunstâncias de sua repressão” e por isso “a cultura negra no Brasil se mantém, em grande parte, devido a sua possibilidade de se disfarçar e calar” (p.127), sendo as redes sociais, dessa forma, uma grande plataforma que *a priori* dariam (e deram, de maneira restrita) possibilidades ao povo preto brasileiro ter essa posição de protagonismo de fala, além de aproximar vínculos e trocas afetivas entre pessoas pretas de diferentes regiões do Brasil e do mundo. Porém, esse processo se torna frágil em um território movido por vontades brancas, o que ocasiona no local uma falsa impressão de avanço, de sucesso, e conseqüentemente contribui para o adoecimento da população negra.

Nesse ponto, o presente artigo pretende trazer uma “cultura” ainda não muito estudada a partir de uma visão racializada, que coloca pessoas pretas em conflitos consigo mesmo e com pessoas não-pretas e contribui diretamente para a realização de uma política de (des)cuidado.

2. Desenvolvimento

2.1 O cancelamento

São escassas as fontes que trazem uma visão científica e social da “cultura do cancelamento”, restando muitas vezes a uma procura empírica e a interpretação de cada sujeito para definirem tal conceito. O conceito acadêmico mais perto do que se

têm como objetivo nesse artigo é o de Isabella Vieira Vilchez e Claudio Novaes Pinto Coelho (2018), que definem essa cultura como “o boicote ou a perda de apoio de um determinado artista ou pessoa famosa por conta de julgamentos pré-estabelecidos e de senso comum para os usuários da internet” (p.1). Já nas mídias da imprensa internacional, o grupo *BBC News* cita que a cultura do cancelamento teve início “como uma forma de chamar a atenção para causas como justiça social e preservação ambiental” mas que tomou o rumo com o passar do tempo para o enfrentamento e julgamento de diferentes opiniões na internet.

É evidente que muitas das postagens feitas na internet tiveram, em um primeiro momento, uma importante função de denúncia e reivindicação dos direitos de minorias sociais. Seja através de "tuitaços", compartilhamentos em massa, curtidas ou comentários, pautas que eram frutos das discussões políticas e sociais na sociedade passaram a se situar no campo virtual. Essa virada de chave, ocorrida entre as duas primeiras décadas deste século, provocam, no entanto, contradições que vão influenciar diretamente na organização dos movimentos de militância: 1) o esvaziamento da presença de "militantes reais" para uma ascensão de "militantes virtuais" e 2) a reprodução de posturas neocoloniais, de competição entre uma mesma classe, que engendram uma nova perspectiva dos movimentos sociais como principais críticos aos próprios aliados políticos.

O primeiro tópico chama atenção para um movimento global de esvaziamento das ruas para a consolidação das pautas de lutas sociais no mundo virtual. Nesse ponto, o processo conhecido como "Jornadas de Junho de 2013" parece ser um bom exemplo para mostrar o processo de expansão da ideologia fascista no Brasil a partir de uma falha metodológica das organizações de esquerda, impulsionada pelas *fake news*. Uma série de atos foram realizados nessa época, encabeçados inicialmente por organizações esquerdistas, que eram contra a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil pelo processo de desvinculação dos gastos orçamentários com políticas sociais. Portanto, o país se preparava para receber um evento bilionário subsidiado pelo sucateamento de sua proteção social, aumentando os números da fome, da falta de leitos em hospitais e culminando em sérios

problemas de gestão em programas sociais. As camisas verde e amarela foram vestidas, os militantes foram para as ruas e uma onda de ações de confrontação direta foram realizadas, como queima de ônibus, quebra de vidraças de bancos, deterioração de patrimônios públicos, ataques virtuais, entre outras. Todavia, as ações diretas incomodavam a esquerda branca classe média e os movimentos conservadores, que já vinham flertando com a Jornada a um tempo, por verem nela uma capacidade de autopromoção. Foi daí que a militância "conflitiva" da esquerda cedeu seu lugar de luta a um movimento reacionário, classe média, impulsionado pelos partidos de centro e de direita e que culminou numa série de processos de contrarreformas, seguidas por um golpe político em 2016 e a instauração de um governo neofascista em 2018. Depois disso, a incidência dos militantes nas ruas reduziu drasticamente, e aqui podem ser enumeradas várias justificativas: a ausência de uma organização política central; o esvaziamento dos partidos políticos; as constantes ameaças e agressões por parte da oposição; a repressão militar ainda mais potente; a propagação de uma imagem falsa de terrorismo; o adoecimento em massa de muitos militantes. A esquerda vem, então, se reorganizar através do fornecimento de conteúdos virtuais (muitas vezes de modo supérfluo), pequenos atos totalmente mobilizados pelas redes e por um fortalecimento cada vez maior de pautas sectárias, sem a compreensão da luta de classes.

O segundo ponto é uma consequência direta dos processos de acirramento de conflitos ocasionado pelo primeiro, resultando numa imagem de uma esquerda cada vez mais plural e multifacetada. Se antes o foco principal de denúncia de uma maioria da esquerda eram as desigualdades produzidas pelo capitalismo e patrocinada pelos setores conservadores da sociedade, agora a discussão parece se centrar num paradigma narcisista e egocêntrico, de legitimação de discursos. O conceito de colonialismo digital, trazido na recém publicação de Faustino e Lipollo (2022) nos ajuda a entender esse deslocamento de foco da esquerda, e como esse processo acaba por estigmatizar os próprios aliados políticos ao invés de ser uma forma de ataque ao liberalismo e suas roupagens. Para os autores, o colonialismo digital é a "expressão tecnológica informacional" de um neocolonialismo tardio, isto é, a forma contemporânea de colonização dos países centrais sob os periféricos

(p.175). Como o modo capitalista de produção é o "modo capitalista de ser, pensar e agir" (GUERRA, p.236, 2013), ele utiliza das ferramentas digitais justamente para a reprodução de suas estratégias de dominação, centradas na violência. Assim, a violência como "uma potência econômica" (MARX, p.998, 2014) se materializa no mundo da internet através de algoritmos, *tokens*, acumulação de dados digitais e o controle dos conteúdos a serem consumidos pela população.

É nessa linha de análise que está contida a "cultura do cancelamento". Num meio digital dominado pelo capital, a esquerda vem produzindo intensos discursos de ataque entre seus próprios setores e expondo trajetórias de maneira totalmente violenta. A violência colonial parece ser reproduzida pelos próprios colonizados nesse meio virtual, sem uma autocrítica ou um "pesar" sobre as consequências que aquele ato irá produzir na vida do "cancelado". Além do mais, a figura "a ser cancelada" não foge do padrão de pessoas expostas as violências estatais desse modo de produção: negros e periféricos. Infelizmente, nesse caso, o rapper baiano Baco Exu do Blues parece ser exato: "A internet lembra minha cidade, guerra de bairros, negros fazendo outros negros serem cancelados".³

Para entender como essa violência estatal afeta as vivências negras, e, em específico, de forma muito veemente as masculinidades - que estão totalmente envoltas num padrão deturpado pelo racismo de patriarcado -, é importante apontar os acontecimentos históricos que deram base para a estigmatização desses sujeitos. O feminismo negro marxista de Ângela Davis parece nos mostrar as primeiras pistas sobre a criação de um "mito do homem negro estuprador", crucial para livrar os homens brancos de seus históricos estupros e culpabilizar o negro. Utilizando sua manipulação jurídica, o patriarcado branco usou sua influência midiática para popularizar os "dados horrendos e animais" dos casos de estupro nos EUA. De 1930 a 1967, por exemplo, ocorreram 455 casos de estupro, sendo 405 realizados por homens negros (DAVIS, 2016). Sendo assim, esse foi o argumento perfeito para os movimentos feministas brancos ampararem os homens negros e brancos, e enquadrarem a figura universal do homem, sem distinção de

³Citação da música "Sinto Tanta Raiva...".

raça ou classe. No entanto, por essa análise, parecia ser esquecido o fato de que "a escravidão se sustentava tanto na rotina de abuso sexual quanto no tronco e no açoite" (DAVIS, 2016, p.180), abusos esses realizados pelo senhoril branco-escravista, que estruturou o patriarcado contemporâneo. Desse modo,

Antes que os linchamentos pudessem ser consolidados como uma instituição popularmente aceita, entretanto, a barbaridade e o horror que representavam precisavam ser justificados de maneira convincente. Essas foram as circunstâncias que engendraram o mito do estupro negro - pois a acusação de estupro acabou por se tornar a mais poderosa entre as várias tentativas de legitimar os linchamentos de pessoas negras (ibid, p.188).

Assim, a criação imagética desse mito, bastante popularizada na mídia, teve reverberações mundialmente e pareceu se mostrar mais uma estratégia colonial do capitalismo para o encarceramento e adoecimento dos homens negros, além de ser um "esquecimento" dos crimes cometidos pelos brancos. Não nos parece ser atoa o "cancelamento" também ser chamado de "linchamento virtual", visto que nada mais é que uma execução digital das pessoas mediante as multidões que acompanham a situação.

Um caso especial exemplifica nosso argumento, em um programa de entretenimento na maior emissora do Brasil, o Big Brother Brasil (BBB) e a Globo, respectivamente. Lucas Koka Penteado, jovem negro de 24 anos, periférico, morador de São Paulo, poeta, slammer, ator e ativista social foi um dos participantes do *Reality Show*. O programa, no dia 30 de janeiro de 2021, ofereceu aos *brothers* (assim apelidados) a "Festa Herança Africana", intitulada pela produção da emissora, em uma edição em que 45% dos integrantes eram negros. Importante frisar que o fato da maior empresa midiática de um país, que contém a maioria de sua população negra, montar um elenco com um contingente étnico maior do que todas as edições foi um espanto para as pessoas que assistem ao programa, rendendo até mesmo piadas racistas nas redes sociais, como "Senzala do Boninho [diretor do programa]". Como de costume, a produção branca, representada por um apresentador branco que contém evidentemente um discurso meritocrático, manipulou todas as situações possíveis para que as pessoas pretas confinadas se desentendessem na festa citada e colocassem em prova suas vivências enquanto

individualidades pretas, advindas de diferentes gêneros, vínculos familiares e realidades de vida, sobrando para Lucas o papel do homem preto “desrespeitador, abusivo e otário”, de acordo com palavras dos próprios participantes.

O ideal do jovem que basicamente causou espanto em todos os *brothers* foi convocar todos os participantes negros a formarem uma aliança para eliminar do jogo os participantes brancos, até sentir um local equitativo e equilibrado. Esse fato foi o estopim para excluir o jovem, e tornar uma decisão unânime da casa o distanciamento e a evitação de contato com aquela pessoa que estava trazendo conflitos e “queria manipular todos ao redor”.

A reunião de fatos que culminaram para o tratamento não cuidadoso e humilhante ao participante levou-o a desistir do prêmio final de um milhão e meio de reais que o programa daria ao ganhador. No dia 06 de fevereiro, Lucas participou da 2ª festa da casa, onde manteve relações de afeto e amor com outro participante também negro, fato que fora de extremo estranhamento para si mesmo por estar anunciando publicamente questões sobre sua sexualidade. Os julgamentos dos outros *brothers* (de maioria também pretas), que analisaram tal situação como “estratégia de jogo” e realizaram diversas falas com tons LGBTQIAP+fóbicos e racistas, demonstrou um reflexo da cultura do cancelamento: os outros participantes não pensaram na pluralidade de um corpo exposto diretamente a violência genocida, que utiliza o

racismo como massa de manobra para segregar e distanciar cada vez mais representações de afeto e carinho nesses corpos.

A partir disso, em um âmbito estrutural, percebe-se que a “cultura do cancelamento” é parte integrante da violência colonial que certos corpos estão submetidos historicamente. Após a desistência do participante, uma das figuras que foi responsável pelo apagamento do jovem no jogo, a cantora Karol Conká, foi extremamente rejeitada e demonizada, sendo eliminada do jogo com o maior percentual de rejeição de todas as edições do programa. A visão racializada desse fenômeno nos permite essa interpretação: as pessoas negras estão suscetíveis, a

todo tempo, a serem condenadas por todos seus atos, sendo com apoio da maioria - como foi Karol Conká com o apoio de seus aliados no jogo-, ou em sua solitude - como foi Lucas. Esse processo de manipulação proposital vinda da branquitude dominante, através de seus meios de comunicação digital, coloca a população negra em um papel volátil que facilmente pode ser transformado, ou seja, 'quem cancela virar cancelado'.

Traçando intersecções com a área da saúde mental, é perceptível o adoecimento em massa de militantes e pessoas negras num geral desencadeado por situações de conflitos nas redes. A perda da dimensão real e objetiva da vida torna os acontecimentos irrealis e fictícios do meio virtual como verdades indubitáveis, substituindo uma análise de materialidade, integralidade, dinamicidade e de totalidade por uma visão ideal, sectária, a-histórica e reducionista. Essa nova forma de análise vai dizer muito sobre como esses movimentos vão lidar com os problemas que cercam essa realidade social, tanto em aspectos macro quanto micro, ou seja, com todas as questões sociais, mas também dentro da dinâmica de organização dos próprios núcleos de esquerda.

O próximo tópico se debruçará na discussão do impacto das políticas de descuido com a população preta, seguindo a trajetória histórica da da formação social brasileira e suas características contemporâneas, que, pelos apontamentos do estudo, trazem uma série de atos que corroboram na intensificação dos adoecimentos.

2.2- A política de (des)cuidado com a população preta.

A relação de adoecimento mental em massa de pessoas periféricas e pretas se fortifica por estes estarem no lugar social de ápice de repressão, da violência policial e do racismo

estrutural que move a sociedade brasileira. Seria redundante repetir aqui os números desproporcionais quando se compara negros e brancos no sistema carcerário, nas instituições manicomiais, nas favelas e periferias brasileiras, nas

universidades (que vem tido certos avanços com a Lei de Cotas), na informalidade ou nas ruas vivendo do tráfico. O que pretende-se expor nesse tópico é como os elementos fundantes do modo de produção capitalista no Brasil - a raça e a classe - são responsáveis por um intenso processo de sofrimento mental, institucionalizado a partir de instituições totais de repressão e isolamento desses corpos.

Ortegal (2019) desenha uma interessante linha histórica de composição do pensamento negro contemporâneo, destacando os escritos acadêmicos a partir de 1970 como uma nova fase de produção de conhecimentos sociológicos e culturais do povo negro. Delimitando a figura da raça como elemento também estruturante a sociedade de classes, pensadores como Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, vão trazer uma novidade as discussões ocorridas no movimento negro até então: a violência e a opressão sofridas por essa população não permeava apenas condições jurídicas e psicológicas, mas também políticas e econômicas. (FERNANDES, 1978; ALMEIDA, 2021, ORTEGAL, 2019).

Sendo assim, compartilhamos da visão do movimento negro marxista de que a raça, para além de um viés próprio, é parte de uma totalidade, que forma "correlações concretas, conjuntos, unidades, ligados entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas" (LUKÁCS, 1967, p.240). Desta maneira, todas as formas de opressão vividas pela população preta são formadas por um mesmo átomo que produz diversas facetas de coerção: o capital. A manutenção desse giro - capitalismo que produz violência como forma de manutenção da ordem - é vista como o elemento chave de marginalização da população negra, refratando-se de vários modos: encarceramento, manicomialização, repressão, pauperização, etc. Porém, ao mesmo tempo, a negritude utilizou (e utiliza) dessas ferramentas de repressão como modo de superação e grito por condições dignas de vida:

A partir de uma perspectiva dialética, é possível observar e compreender que esta categoria, raça, produz ao mesmo tempo, tanto possibilidades de opressão e assujeitamento, quanto possibilidades de reconhecimento, organização, resgate de memória e produção de contraofensivas ao racismo e seus efeitos. É nesta direção que o movimento negro em sua maioria se construiu nas últimas décadas nos países da Diáspora. As palavras raça e negro, que, mesmo sem amparo material, reproduziam violência e opressão, passam a ser ressignificadas, como chaves de

identificação e compreensão destes processos, e de organização para enfrentá-los. (ORTEGAL, 2019, p.76 e 77).

Por essa ótica, compreendemos a importância de um olhar dialético para entendermos a categoria da "raça negra", tanto quanto parte de um modo de produção que visa o lucro em detrimento a vida e que tem o racismo como sua forma de manutenção, mas também como forma de luta e resistência coletiva do público-alvo que sofre dessa opressão. De toda forma, a análise da categoria raça é imprescindível para o funcionamento de todos os aparelhos de violência do Estado, tendo em vista que ela está intrínseca à composição social da classe trabalhadora. Os traços fenotípicos, por um lado, darão base para ações policiais mais truculentas e para os crimes mais evidentes de injúria racial, mas toda a lógica de embranquecimento colonial dá base para a estruturação dos meandros da violência na vida social da população negra.

'A vida reproduz a arte e a arte reproduz a vida'. Um exemplo pedagógico do que foi citado no parágrafo acima é o filme *Medida Provisória*, de direção de Lázaro Ramos. Definido pela crítica cultural como um "filme de característica futurista", o enredo traz a dialética fundamental da categoria raça ao dizer dos brancos: "Se vocês querem retomar as filosofias africanas, voltem diretamente para a África". Em um primeiro momento, a volta à África surge como piada e como proposta política irônica, mas em um segundo momento se torna "facultativa" e em terceiro uma política de governo. Mediante a toda a repressão, surgem os *afrobankers* como redenominação dos quilombos, sendo espaços que negros compartilhavam suas vivências como forma de proteção a política de expulsão. No clímax do filme, surge uma de suas premissas fundamentais: um de seus personagens relata querer ter direito à dúvida. O direito a contradição, ao erro, ao ócio, ao levantamento de hipóteses: tudo isso impossibilitado por um sistema que não permite aos negros errarem. Ao errar, é encaixado em um desses três perfis: louco, perigoso ou cancelado. Como aquilombar e acolher esses que por tudo são julgados?

Só depois dessa visão racializada da violência é que se pode situar o conceito de saúde mental que pretende-se adotar neste trabalho. Os movimentos de

reformas psiquiátricas mundiais apagaram nomes importantes da construção do cuidado em liberdade e marginalizaram escritos fundamentais que foram precursores de pensadores como Basaglia e Rotelli. Cabe citar nesse caso Frantz Fanon, autor de extrema importância nos escritos dos idealizadores do movimento de reforma psiquiátrica italiano, mas que não passou de "referência complementar" ou, em muitos casos, nem chegou a ser referenciado. No Brasil, o rico movimento da luta antimanicomial deixou de lado, por muito tempo, Juliano Moreira, Virgínia Bicudo, Neusa Santos Souza, D. Ivone Lara, Bispo do Rosário, entre outros autores e pensadores negros atuantes na vivência com as "subjetividades loucas". É perceptível um movimento de resgate e inserção da racialidade nas discussões em saúde mental no Brasil, mas ainda sim é um tabu dentro de muitas organizações e instituições. É então, pelo apagamento, pela ausência, pela necessidade de referenciação, pela visão racializada e crítica da sociedade, que temos como força motriz a reflexão de pensadores negros para pensar os sujeitos encarcerados e manicomializados, ou aqui chamados de "descuidados".

O tema do "cuidado" é trazido por Passos (2018) ao analisar a situação das trabalhadoras do *care* em serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no Rio de Janeiro⁴. De forma geral, essas mulheres, em sua grande maioria negras, têm função essencial no fortalecimento de vínculos e na desinstitucionalização de pessoas em sofrimento mental nas Residências Terapêuticas, mas não são remuneradas e nem vistas como trabalhadoras. Isso reforça a imagem histórica da mulher negra como a "que de todos cuida, e por ninguém é cuidada". A autora dialoga com diversos pensadores da psicologia, da sociologia e da antropologia para chegar a uma reflexão sobre o que se define como o ato de cuidar e como isso atravessa a vida das mulheres negras em várias dimensões. Em um artigo da autora, com coautoria de Moraes (2021), sobre as contribuições de Ivone Lara na saúde mental, elas citam:

⁴Para mais, ver PASSOS, Rachel Gouveia - **Raça, Gênero e Saúde Mental, Contribuições à profissionalização do cuidado feminino**. Cortez Editora, Rio de Janeiro, 2018.

A partir do uso da música articulada aos saberes e a cultura popular, oriunda da resistência negra, torna-se possível trabalhar com a perspectiva de quilombamento, o que significa a adoção de um acolhimento originário das estratégias de resistência protagonizadas pela população negra brasileira. (ibidem,p.82).

Essa parece ser uma das saídas para o protagonismo negro dentro dos campos dos saberes. O quilombamento, do povo preto e para o povo preto, como uma estratégia de enfrentamento e prioritariamente de cuidado consigo mesmo e com seus próximos.

Por conseguinte, se o conceito de cuidado nos remete a recuperação de filosofias ancestrais e a união da população preta no enfrentamento às mazelas estruturais do sistema, "descuidado" é adotado como uma contrarreferência, isto é, um movimento antagônico por parte de uma classe dominante branca que utiliza de suas ferramentas para desmobilizar e definir o lugar social da população negra. É óbvio que isso não se dá sem correlações de

forças e disputas, mas, se voltamos para a Economia Política Clássica, a classe que detém os meios de produção possui também a hegemonia ideológica e os instrumentos para materializá-la, e isso facilita seu processo de instauração do pensamento.

Como concretude desse descuidado, surgem as instituições totais, reforçando o lugar social dos negros que não produziam as economias do sistema capitalistas: precisam ser presos e estar distantes da reprodução da vida social. Foucault (2009) e Davis (2016) trazem as origens das prisões como resultados, num primeiro momento, de luta de segmentos progressistas da sociedade como meio substitutivo às penas de morte. No entanto, com o passar dos anos, esses locais se revestem de um perfil punitivista de resolução dos conflitos que envolviam a periculosidade da sociedade. Sendo assim, os sujeitos que apresentavam um perigo iminente à vivência da branquitude eram encarcerados. Mais a frente, o sistema carcerário vai adotar um falso olhar da ressocialização, que segundo Davis, torna-se obsoleto, pois não consegue, nem de longe, atingir o objetivo de reintegração desses seres à sociedade e deixa ainda mais exposto os objetivos gerais desses locais:

A prisão, portanto, funciona ideologicamente como um local abstrato no qual os indesejáveis são depositados, nos isentando da responsabilidade de pensar sobre os reais problemas que afligem as comunidades das quais os presos são retirados em números tão desproporcionais. Este é o trabalho ideológico que a prisão realiza - ele nos isenta da responsabilidade com os problemas da nossa sociedade, especialmente aquelas produzidas pelo racismo e, cada vez mais, pelo capitalismo global. (DAVIS, 2003, p.89).

Os manicômios não se diferenciam. Para além do local físico, a ideologia manicomial é estrutural e diz respeito a quais corpos são considerados aptos a viverem "a vida normal da sociedade". Acontece que, nesse limiar, a concepção de vida é baseada numa lógica liberal e própria da branquitude, colocando as práticas coletivas e acolhedoras da população negra como alvo de "distúrbios". Não à toa, a psiquiatria hegemônica consolidou suas primeiras experiências eugênicas de lobotomia e eletroconvulsoterapia em mentes negras encarceradas em manicômios. Porém, o que passa despercebido, é que o sofrimento mental convive com a população negra muito antes da instauração e proliferação dessas práticas. O *banzo*, que acometeu a população negra no movimento de Diáspora, trouxe números enormes de suicídios, que "deprimiam depois de vendidos, estuprados, estropiados, escravizados e submetidos às durezas do trabalho, à fome e ao sistema de vigilância permanente em mocambos e senzalas" (DUARTE, 2021, p.27):

Esses fenômenos social e psíquico são produzidos dialética e historicamente, um em relação ao outro, revelando que essa realidade social e concreta é sustentada à custa da vida psíquica e singular. É isso que nos invoca a reafirmar a denúncia do projeto manicomial e o modelo psiquiátrico hegemônico brasileiro, na sua forma de segregação e exclusão social que determina que os sujeitos e seus corpos sejam higienizados, aprisionados, encarcerados, internados e medicalizados (ibidem, p.27).

Em síntese, percebe-se que as instituições totais surgem de lugares similares de manutenção de ordem e da vigorosidade da produção. Aos corpos que não seguem esse padrão, o isolamento é o fim. Ademais, tanto a função ideológica desses locais, quanto suas estruturas físicas nos fornecem dados bem 'escuros' - é a população preta e periférica o principal alvo da política de descuidado estatal.

3. Considerações finais

Nesse artigo, procurou-se linhas de confluência entre os processos históricos e sociais de descuido com a população negra e os novos processos de apagamento e exclusão digital. Sendo o mundo virtual um meio de propriedade da branquitude, tanto em números de acesso, quanto na impregnação ideológica, a população negra se mostra vulnerabilizada nesses espaços. Contudo, autores como Ortegá (2019), Faustino e Lipollo (2022) e Duarte (2021) nos mostram que a comunidade negra tem um histórico de apropriação das problemáticas sociais como forma de alavancar e dar voz às suas discussões. Daí, surge a compreensão dialética do conceito de "negritude" que nos situa em um campo de contradições: é uma estratégia de coerção da classe dominante, mas um discurso que se apropriado de modo atento, pode resultar em avanços sociais.

Já no campo da saúde mental, também tem acontecido um movimento contínuo e proposital, que é o adoecimento em larga escala da população negra. Desde o *banzo*, passando pela fundação e propagação das prisões e manicômios, chegando nas formas digitais de linchamento, o sofrimento tem sido sinônimo de vivência. Isso atinge formas próprias dependendo do grau de sofrimento, da forma que cada corpo reage ao racismo que estrutura sua vida em sociedade, podendo chegar até mesmo em casos crônicos. Para esses últimos, a estratégia utilizada pela classe oposta é maximizar esse sofrimento em instituições totais, pautadas em um descuido com esses corpos e a repressão aos movimentos ancestrais de retomada do cuidado do povo preto.

É, como mais uma das formas de legitimação da violência, que a cultura do cancelamento surge. Com o cuidado de não cair no reducionismo de equiparar os impactos das prisões ou dos manicômios com essa "cultura", percebe-se que elas têm o mesmo corolário, mas com atores diferentes envolvidos. Numa jogada de extrema precisão da branquitude dominante, não mais se faz necessário seus instrumentos de "apagamento" as subjetividades "impróprias ao seu sistema", mas coloca-se uma falsa visão de autonomia virtual a esses seres para eles mesmo atribuírem seus juízos de valores e julgarem as vivências que devem ser (des)cuidadas. O cancelamento não deve ser entendido como um fenômeno à parte,

endógeno as estruturas sociais, mas como parte de uma totalidade de violências vividas pelo povo preto, e impulsionado por "novas" ferramentas de dominação (meio digital), mas que sempre foram propriedade dos instrumentos dos dominantes, através de seus monopólios dos meios de comunicação.

Desse modo, não pretende-se esgotar a discussão e chegar em conclusões indiscutíveis ao tema. Mas, procura-se mostrar caminhos de análise que devem ser evidenciados ao discutir "cultura do cancelamento" , "raça" e "adoecimento mental". Por fim, através da solidificação de uma base referencial negra e da Teoria Social Crítica de Marx, o presente trabalho se mostra como fruto de uma perspectiva decolonial crítica que defende como processo conjunto a superação da violência como forma de dominação, do racismo e do capitalismo.

4. Referências bibliográficas

ABIMBOLA, 1979, p. 4 apud NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019, p. 127.

ALMEIDA, Silvio. **Marxismo e Questão Racial**. Editora Boitempo, São Paulo, 2021.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**; tradução Heci Regina Candianini - 1.ed-Boitempo. São Paulo, 2016.

DAVIS, Ângela. **Are prisons obsolete?** Seven Stories Press. Nova York, EUA. 2003.

DUARTE, Marco José de Oliveira. Racismo, Subjetivação e Saúde Mental: contribuições para a reforma psiquiátrica antimanicomial In **Racismo, Subjetividade e Saúde Mental - Pioneirismo Negro**. Hucitec Editora Grupo de Pesquisa Egbé Projeto Canela Preta, São Paulo -SP e Porto Alegre-RS, p. 21 - 34, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

1961.

FAUSTINO, Deivisson; LIPPOLD, Walter; **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. 1.ed., Editora Raízes da América, São Paulo, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 37. Ed., Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2009.

GUERRA, 2013, p.236 apud TINTI, Élide Cristina. Capitalismo, trabalho e serviço social. In: **Capitalismo, trabalho e formação profissional: dilemas do trabalho cotidiano dos assistentes sociais em Ribeirão Preto [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 31-74.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social 1**. Boitempo Editorial, 2015.

MARX, Karl. **O Capital – Livro I – Crítica da Economia Política: o processo de produção do capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: Fundação Maurício Gabrois; Anita Garibaldi, 1994.

SANCHES, Marianna. **O que é a 'cultura do cancelamento'**. BBC News Brasil, 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53537542>> . Acesso em 22/08/2022.

OLIVEIRA, Caroline. **Impeachment 5 anos: a relação entre junho de 2013 e a ascensão da extrema-direita**. Brasil de Fato, São Paulo, 2021. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2021/04/18/impeachment-5-anos-a-relacao-entre-junho-de-2013-e-a-ascensao-da-extrema-direita>> . Acesso em 22/08/2022.

ORTEGAL, Leonardo. Relações raciais no Brasil: colonialidade, dependência e diáspora. In: **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 133, p. 413-431, set./dez. 2018.

ORTEGAL, Leonardo. **Atos de reexistência: juventude negra, reinvenções e resistência anti-extermínio**. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Política Social - PPGPS da Universidade de Brasília. Brasília - DF, 2019.

PASSOS, Rachel Gouveia. **Trabalho, Gênero e Saúde mental: Contribuições para a profissionalização do cuidado feminino**. Cortez Editora, São Paulo- SP, 2018.

PASSOS, Rachel Gouveia; MORAES, Andressa da Silva. "Entre os sambas, os bambas e a loucura": o discreto protagonismo de D. Ivone Lara na saúde mental In **Racismo, Subjetividade e Saúde Mental - Pioneirismo Negro**. Hucitec Editora Grupo de Pesquisa Egbé Projeto Canela Preta, São Paulo -SP e Porto Alegre-RS, p.86-113, 2021.

VILCHEZ; Isabella Vieira; COELHO, Claudio Novaes Pinto; **CANCELADOS: a cultura do cancelamento na sociedade do espetáculo**. Artigo vinculado a Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP, 2020.